

CASUÍSTICA DE ESPOROTRICOSE EM FELINOS NA CLÍNICA VETERINÁRIA ESCOLA DA UFSC – CAMPUS CURITIBANOS, NO PERÍODO DE 2023 A 2025

Monica Cassia Joviniana Alves^{1*}, Vanessa Sasso Padilha¹, Maylon César Toledo Maurilio², Nicoli Poliana Batista³, Samira Kreisch⁴, Camilly Felix da Silva⁵
Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos/SC, Brasil

*Graduanda em Medicina Veterinária: monica_alves@outlook.com.br

A esporotricose felina é uma micose subcutânea causada por fungos do gênero *Sporothrix*, considerada de importância zoonótica, transmitida principalmente por inoculação traumática da pele ou contato direto com animais infectados. O presente estudo descreve três casos atendidos e diagnosticados na clínica-escola entre 2023 e 2025, com o objetivo de detalhar a evolução clínica, diagnóstica e terapêutica da doença em felinos: caso 1 – fêmea de 3 anos e 5 meses; caso 2 – fêmea de 8 anos e 7 meses, gestante; e caso 3 – macho castrado de 1 ano e 6 meses. O diagnóstico incluiu exame físico minucioso, citologia, cultura fúngica em ágar Sabouraud, histopatologia, hemograma, bioquímica sérica, além de registros fotográficos e acompanhamento clínico, conforme protocolos recomendados para esporotricose (SCHUBACH et al., 2004; GREMIÃO et al., 2021). O isolamento fúngico em cultura permanece como padrão-ouro, enquanto citopatologia e histopatologia são métodos de triagem relevantes (CRMV-PR, 2024; BAPTISTA et al., 2025). No caso 2, resultados negativos em coletas iniciais provavelmente decorreram de baixa carga fúngica e da menor sensibilidade da citologia, situação já descrita em estudos comparativos, nos quais a cultura apresenta sensibilidade de 95,2%, contra 52,6% da citopatologia (BAPTISTA et al., 2025). Clinicamente, os casos 1 e 2 apresentaram lesões ulceradas em plano nasal, associadas a manifestações cutâneas em diferentes regiões corporais. O caso 3 apresentou múltiplas lesões ulceradas e crostosas em região periocular esquerda, pavilhão auricular direito, cabeça e membro torácico direito, sem alterações sistêmicas relevantes. O tratamento baseou-se no uso de itraconazol oral, considerado o antifúngico de escolha (SANTOS; TOLEDO, 2023; GREMIÃO et al., 2021). Nos casos 1 e 2, associou-se iodeto de potássio, indicado em formas refratárias (GREMIÃO et al., 2021; PODESTÁ JÚNIOR et al., 2022). O uso de anfotericina B foi reservado para lesões resistentes, conforme recomendações nacionais. Infecções bacterianas secundárias receberam antibióticos como enrofloxacin, amoxicilina e, em persistências, clindamicina. Lesões resistentes foram tratadas com pomada de cetoconazol, gentamicina e betametasona. No caso 1, sulfadiazina de prata e clindamicina tópica atuaram como adjuvantes. Para analgesia e controle inflamatório, utilizou-se meloxicam. O caso 3 recebeu ainda óleo ozonizado, creme de miconazol, ozonioterapia e laserterapia, aplicadas de forma diferenciada em lesões com crostas (8 J) e sem crostas (4 J). Além disso, implantou-se fio de poliglecaprone em pontos de acupuntura (IG-11, VG-14, E-36), visando estimular a cicatrização. A evolução demonstrou melhora progressiva das lesões e estabilidade sistêmica nos três pacientes, embora recidivas tenham ocorrido quando houve interrupção terapêutica. O manejo multimodal, combinando terapia sistêmica, tópica, laser e ozonioterapia, mostrou-se altamente eficaz, reforçando a importância da adesão dos tutores, continuidade do tratamento e repetição de exames, sobretudo em suspeitas iniciais negativas. No caso 2, realizou-se cesariana seguida de ovariosalpingohisterectomia, prevenindo a transmissão aos filhotes e controlando complicações reprodutivas. Assim, os resultados evidenciam a necessidade de uma abordagem integrada e prolongada para o controle da esporotricose felina, destacando que o sucesso terapêutico depende não apenas da escolha dos fármacos, mas também da associação de terapias adjuvantes e do acompanhamento rigoroso dos responsáveis.

Palavras-chave: antifúngicos; laserterapia; zoonose.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAPTISTA, A. R. S. et al. Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: limitações da citopatologia por imprint. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, Belém, v. 9, n. 2, p. 13-19, abr./jun. 2018.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DO PARANÁ (CRMV-PR). *Esporotricose felina: guia para rotina clínica*. Curitiba: CRMV-PR, 2024.

GREMIÃO, I. D. F. et al. Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision. *Brazilian Journal of Microbiology*, [S. l.], v. 52, n. 1, p. 107-124, 2021.

PODESTÁ JÚNIOR, R. L. de et al. Esporotricose felina: conduta clínica, diagnóstico e tratamento preconizado no município de Vitória-ES. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 10, e58911, 2022.

SANTOS, J. M. da S.; TOLEDO, G. N. *Esporotricose em felinos – revisão de literatura*. [S. l.], 2023.

SCHUBACH, T. M. P. et al. Evaluation of an epidemic of sporotrichosis in cats: clinical findings and diagnostic methods. *Veterinary Record*, London, v. 155, n. 14, p. 407-410, 2004.